

GALVEZ: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE UM PERSONAGEM HISTÓRICO

GALVEZ: THE LITERARY CONSTRUCTION OF A HISTORICAL CHARACTER

Márcio Araújo de Melo⁷

Antônio Adailton Silva⁸

Núbia Régia de Almeida⁹

Resumo: O presente artigo explora a obra *Galvez, imperador do Acre* no intuito de traçar um paralelo entre o Galvez histórico e o Galvez literário, criação de Márcio de Souza, identificando os artefatos linguístico-literários usados pelo romancista. Dois desses artefatos, ambos bakhtinianos, são a polifonia e a carnavalização, este último empregado fartamente na perspectiva da comicidade. Tem-se em vista o aproveitamento da relação entre discurso histórico e discurso ficcional como uma base epistemológica cujo emprego didático pode ser valioso ao ensino de literatura.

Palavras-chave: Galvez. Romance histórico. Discurso histórico. Discurso literário. Ensino de literatura.

Abstract: The current paper explores the literary work *Galvez, imperador do Acre* in order to draw a parallel between historic Galvez and literary Galvez, being this last one a Márcio de Souza's creation, identifying the linguistic-literary artifacts employed by the novelist. Two of these artifacts, both Bakhtinian, are polyphony and carnivalization, the latter widely used in the perspective of the comic. It is in sight that this relationship between historical discourse and fictional discourse is a base whose didactical employment can give to literature teaching a rich dynamic.

Keywords: Galvez. Historical novel. Historical discourse. Literary discourse. Teaching of Literature.

Considerações iniciais

A partir da década de 1970, o tema da narratividade voltou à tona no âmbito da História, com vistas à revalorização dos acontecimentos e da narrativa. Disseminava-se, no entender de Hayden White e Carlo Ginzburg, a percepção de que não bastava ao historiador o rigor metodológico. Era preciso que ele conferisse um determinado estilo a sua escrita. Mais do que contar, ele deveria saber como fazê-lo. Na escrita histórica a forma é tão significativa

⁷ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: marciodemelo33@gmail.com

⁸ Doutorando em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: adayltons@hotmail.com

⁹ Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: nubiaregia20@gmail.com

quanto o conteúdo, pois os fatos do passado encontram-se afastados, vagos e inconsistentes, e para serem apreendidos pelos leitores atuais precisam ser reestruturados através de uma tessitura tal que possibilite um melhor entendimento por parte do leitor do presente.

Nessa mesma década, também começaram a ser produzidos novos romances em que fatos e personagens históricos eram ficcionalizados. Neste trabalho de ficcionalização, o picaresco é frequentemente empregado, permitindo entrever o desencantamento ante as promessas não realizadas da modernidade. Ao invés do progresso e da consecução dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o que se viu foi um mundo imerso em guerras e na exploração do homem pelo homem.

Em seu romance, *Galvez, imperador do Acre*, Márcio Gonçalves Bentes de Souza utilizou fatos e personagem históricos para recriar, de uma maneira carnavalizada, a história da conquista do Acre. O próprio Galvez existiu de fato, ainda que seus excessos como personagem literário sejam frutos da ficcionalização do autor.

A obra é narrada por um narrador-editor que, no início da narrativa, diz ter encontrado, em uma prateleira de um sebo de Paris, em 1973, os manuscritos que inspiraram a escrita do texto. Então, adquiriu-os e decidiu organizá-los e publicá-los. Essa organização da narrativa propicia a Luiz Galvez narrar sua história desde a chegada ao Brasil, mencionando também fatos anteriores a esse momento. Esse emprego de múltiplas vozes autônomas para efetivar a narrativa é denominado polifonia, artefato literário discutido por Mikhail Bakhtin (2010).

O romance *Galvez, Imperador do Acre* foi estruturado em quatro partes. Na primeira, o narrador-editor relata o modo como Galvez conhece as personagens que, direta ou indiretamente, o envolvem na luta pela conquista do território acreano. Uma delas é o cônsul boliviano Luiz Trucco, salvo por acaso por Luiz Galvez, que após ser pego em flagrante pelo marido de uma cabocla com quem estava tendo um caso amoroso, teve que fugir às pressas. Ao pular da janela do quarto caiu em cima de três agressores que sequestravam Luiz Trucco. Nasce aí uma amizade que é desfeita após a interferência de Cira, uma mulher com quem Galvez iniciou um romance nas vistas do marido, Alberto Chermont de Albuquerque, um próspero negociante de madeiras que mantinha um matrimônio de conveniência.

Devido ao seu interesse por Cira, Luiz Galvez decide participar de uma reunião do Comitê em Defesa do Acre. Para agradá-la, rouba do cônsul boliviano, Luiz Trucco, um documento recebido da corporação internacional americana que tratava do Acre e o publica. A partir desse momento Luiz Galvez vive uma série de aventuras. É perseguido por policiais em uma ópera. Cira o embarca para Manaus em um barco repleto de religiosos. A partir, desse

evento, tem início a segunda parte do livro. Nela, é narrado o envolvimento de Galvez com Joana, uma freira, personagem importante no romance por influenciar o protagonista no envolvimento com a efetiva conquista do Acre.

Na terceira parte da obra o narrador relata as aventuras de Galvez em Manaus e seu envolvimento com políticos da região, por influência de Joana, que o convence a ser o líder da revolução por 50 mil libras. A quarta e última parte do romance retrata a conquista do território acreano pelos revolucionários liderados por Galvez e sua coroação como imperador do Acre. Seu mandato foi regido por grandes farras e desordens, culminando com sua deposição.

A discussão dessa obra é realizada aqui por meio de um paralelo entre o discurso histórico e o literário, apresentados pelos novos romances historiográficos. A discussão é feita à luz das ideias de Carlo Ginzburg (2002) e de Hayden White (1994). Para ambos, assim como a história necessita buscar artefatos literários para melhor narrar os fatos históricos, a literatura também pode usar a história como pano de fundo para criar suas narrativas.

O artigo também sinaliza aos professores de literatura a possibilidade de adotar estratégias para trabalhar com textos literários relacionados a obras historiográficas formando uma rede intertextual, como salienta Ivanda Martins (2006), parafraseando Leahy-Dios

[...] é preciso que o aluno reconheça a literatura como uma figura geométrica tridimensional, um triângulo multi/inter/transdisciplinar que utiliza a língua como instrumento de realização artística; que se define como expressão da arte e cultura; e que se situa em dado contexto social, político, histórico de produção e consumo (MARTINS, 2006, p. 100).

Cabe ao professor incentivar os alunos a lerem obras literárias, mas pode ser insuficiente apresentar o conteúdo de um livro didático de forma unilateral. É importante ir além, entrecruzar textos, refletir sobre as leituras, ampliar a capacidade de ler criticamente.

1. Paralelo entre o Galvez histórico e o Galvez literário

São pouquíssimos os documentos que tratam da história do Acre e de sua conquista por Galvez. Luiz Galvez Rodrigues de Arias, nascido em 1864 em San Fernando, Espanha, foi um jornalista, diplomata e aventureiro espanhol. Estudou ciências jurídicas e sociais na Universidade de Sevilha e depois trabalhou no serviço diplomático espanhol em Roma e em Buenos Aires. Migrou para a América do Sul em 1897. Escreveu para o Jornal Correio do Pará, em Belém do Pará, e para o Jornal Comercio do Amazonas, em Manaus. Morreu em 1935 em Madrid, na Espanha (MORAIS-VINNA, 2016; VIANA, 2016).

Os livros didáticos quase não abordam esse fato histórico. Marcos Vinícius Neves, em seu artigo *A República do Acre*, traz uma abordagem sobre esse personagem tão importante na conquista do território acreano. Segundo Neves (2010), Galvez entrou subitamente na história da questão acreana e rapidamente já havia passado da condição de coadjuvante para a de protagonista. Essa entrada repentina e inesperada em cena se deveu, em parte, aos seus próprios méritos de homem ilustrado e carismático, mas em boa parte deve ser creditada ao vácuo produzido pela indefinição com que os governos do Amazonas, do Brasil e da Bolívia tratavam a questão dos territórios.

Como Luiz Galvez era repórter de um jornal amazônico, tomou conhecimento de um acordo que tratava da questão acreana e o publicou. A partir dessa publicação tornou-se uma figura distinta para as autoridades que advogavam em favor dos acreanos. Por ser hábil orador, conquistava a todos com o seu discurso. Conseguia convencer várias camadas sociais através da oratória, o que fez com que ele caísse nas graças dos políticos interessados na causa do território acreano (BASTOS, 2010).

Com o intuito de achar uma saída para a questão acreana, surgiu a ideia, não se sabe ao certo de quem, de instituir o movimento revolucionário para instaurar a fundação do Estado Independente do Acre. Segundo NEVES (2010), Galvez, muito visionário, trabalhou incansavelmente

[...] nas intensas movimentações e negociações em Manaus e Belém. Reuniam-se ali representantes dos governos estaduais, representantes dos revolucionários do Acre (dentre os quais já se encontrava Galvez), comerciantes das duas praças, políticos que viam naquela articulação a possibilidade de aumentar seu espaço e de jornalistas que buscavam aumentar a tiragem e o prestígio de seus veículos informativos. Porém foi só a partir do dia 14 de julho que todos puderam conhecer as habilidades e a capacidade de liderança de Galvez. Seu governo, sujeito a diferentes e contraditórias descrições, se revelou hábil ao aglutinar com clareza de objetivos os mais diversos tipos de homens. Ele empolgava com seus discursos e seus modos estudados tanto a seringalistas, quanto a advogados, comerciantes e seringueiros de todas as origens e foi graças a essa característica que durante oito meses resistiu, nos altos rios do Acre, um novo País cuja existência punha em xeque forças nacionais e internacionais tremendas (NEVES, 2010).

Em 14 de julho de 1899, Galvez e seus companheiros conquistaram Porto Alonso e transformaram o Acre em um estado independente. Ele foi aclamado Presidente do novo país, já que as personalidades políticas envolvidas não podiam se expor, e como Galvez não tinha nada a perder aceitou a missão que lhe fora confiada. Muito ardiloso, sua primeira ação como presidente do Acre foi reunir seus conselheiros políticos para organizar um ministério formado por seringalistas e comerciantes da borracha, pois assim agradaria a quem detinha o poder e poderia garantir sua estabilidade política (NEVES, 2010).

O objetivo maior dessa missão revolucionária era libertar o Acre da Bolívia, torná-lo um estado independente e, por fim, anexá-lo ao Brasil. Galvez trabalhou incansavelmente e

[...] em 22 de outubro já estavam terminados e funcionando os seguintes edifícios: Casa do Governo; Câmara Municipal; Alfândega; Capitania do Porto; Trapiche 14 de Julho; Polícia; Cadeia; Escola Pública; Saúde Pública; Correio; Depósito Público; Obras Públicas; Casa de Misericórdia; Igreja de Nossa Senhora do Acre; Registro Civil e Fórum. Tudo isto foi construído nas ruas abertas e que tomaram os nomes de: Avenida Brazil; Rua do Ceará; Rua Damasceno Girão; Rua Amazonas; Largo 14 de Julho e Largo da Republica. Além disto construiu-se um: Hotel; Armazém; Padaria e Depósito de Estivas... Todas as barracas são monumentais, construídas com madeira de lei e muito estéticas e bonitas; as ruas e largos foram escavados e simetricamente dispostos em uma área de 1.200 metros (NEVES, 2010).

Segundo Bastos (2010), Galvez, na tentativa de regularizar logo a situação do Acre, escreveu a vários países pedindo o reconhecimento do estado independente. Porém, quase todos se mostraram contrários a sua reivindicação, inclusive o governo brasileiro, que passou a pressionar o governador do Amazonas para tomar providências contra ele. Para desestabilizar seu governo, a pedido do governo brasileiro, a Comissão de Direitos Humanos passa a divulgar na imprensa várias informações contraditórias e incoerentes.

O maior erro de Galvez foi proibir a exportação da borracha acumulada nos seringais. Mesmo ele tendo convencido os seringalistas que era uma estratégia para evitar possíveis ataques, pois a borracha seria usada na criação de trincheiras, desagradou a muitos comerciantes da região que, insatisfeitos com a situação, aclamaram o Capitão Antonio de Sousa Braga como o novo presidente do Acre. A primeira medida dele foi decretar a prisão de Luiz Galvez em 31 de dezembro de 1899 e declarar livre a exportação da borracha pelos rios acreanos. Porém, o novo presidente não tinha tanto carisma e poder de envolvimento como Galvez. Ao perceber o quanto a situação era complexa, e reconhecendo sua mínima experiência, resolveu devolver a Galvez, em 30 de janeiro de 1900, o cargo de presidente, alegando problemas de saúde e financeiros (BASTOS, 2010).

O povo acreano recebeu Galvez com grande festa e alegria. A imprensa continuava dividida, e até países europeus e norte-americanos divulgavam notícias sobre o sucesso do Acre. Isso fez com que o governo brasileiro pressionasse ainda mais o governador do Amazonas, Ramalho Junior, que, sem escolha, teve que retirar o apoio ao Acre. Com o intuito de resolver a questão, o governo federal enviou para o Acre o navio de Guerra Tocantins com a missão de acabar com a República do Acre e devolver a região ao domínio boliviano (BASTOS, 2010).

Após intensas negociações sobre compensação financeira para ele e todos que haviam arcado com as despesas ocorridas até ali, em 15 de março Galvez assinou a ata de rendição dissolvendo o estado independente do Acre e entregando o poder aos bolivianos.

Pouco depois partiu do território acreano e nunca mais voltou (BASTOS, 2010). Esse Galvez histórico foi pouco valorizado. Somente um rio recebeu seu nome como homenagem, e seus feitos são abordados em poucos livros de história.

O Galvez fictício é um personagem caricatural e burlesco. Trata-se de um espanhol aventureiro, mulherengo e farrista que se introduz no norte brasileiro a fim de fazer fortuna rapidamente. Depara-se com uma classe dominante alienada e esbanjadora que se mantém à custa da exploração da borracha, cujo ciclo estava no auge durante a passagem do século XIX ao XX, época em que a narrativa se passa.

O autor, Márcio de Souza, utiliza fatos históricos como pano de fundo para criar sua narrativa de maneira coerente e convincente. Seu interesse não era fazer história, mas criar um romance com uma trama persuasiva que convencesse o leitor por meio dos recursos literários os objetivos de sua obra ficcional. Nela, a história é contada sob um ângulo diferente do ponto de vista dos historiadores. O intuito do romancista era criticar o modo de vida da sociedade vigente e o discurso oficial da época utilizando-se a arte literária.

No romance, Márcio de Souza apresenta uma crítica ao deslumbramento e ao desperdício causado pela abundância de capital na região devido ao comércio da borracha, bem como à maneira de viver dos coronéis e políticos que usavam seu poder para dominar e explorar os seringalistas, abusar sexualmente das meninas pobres da região, à maneira de dirigir os interesses do estado, visando apenas a benefícios próprios, suas preocupações com futilidades. Todos esses eventos são destacados no texto de forma carnalizada e bem humorada.

No capítulo “História do Amazonas” o narrador-personagem conta uma extravagância do Major Freire, que, determinado a encontrar um chapéu que lhe caísse bem, jogava todos os outros que não foram do seu agrado no rio Negro. Nessa passagem, ficam evidentes o desperdício de dinheiro, o deslumbramento e a preocupação com futilidades.

Fui com Major Freire fazer compras num vapor da Booth Line. Freire queria escolher um chapéu panamá. Andava irritado com suas brotoejas, e foi atirando no rio os chapéus que não agradavam. Noventa chapéus desciam o rio Negro quando o major encontrou um panamá de bom feitio (SOUZA, s/d, p. 124).

Márcio de Souza aborda amplamente a questão da sexualidade precoce, da prostituição de meninas e mulheres carentes da região, como se vê no capítulo intitulado “Pedagogia”. Nele, a ironia é tecida a partir do título, que ao contrário do que sugere a palavra, trata-se do ensinamento de técnicas libidinosas a meninas, bem como pelo tom que dá às várias referências feitas: a cultura clássica (“favores de Vênus”) e inglesa (“tão

vitoriano”), passando por “sessões espíritas”, chegando ao conto de fadas (*A pequena vendedora de fósforos*).

As duas vendedoras de fósforos eram fruto do trabalho educador do Major Freire. Tinham vindo originalmente como criadas, das terras dele do Juruá. Haviam começado a se interessar pelos favores de Vênus nas sessões espíritas. Freire lendo um livro pornográfico inglês, encontrou a história das vendedoras de fósforos que se preocupavam em baixar o fogo dos homens. Ensinou as duas mulheres e financiou a loja. Era tão vitoriano o Major Freire! (SOUZA, s/d, p. 126).

Na ficção, ao se envolver na história da conquista do Acre por causa de suas aventuras amorosas, Galvez vê a oportunidade de levar sua parte nas riquezas. O espanhol lidera a expedição ao Acre, ainda território boliviano, onde consegue a independência daquelas terras e é coroado imperador. Segue-se a partir desse evento um reinado cheio de peripécias e marcado por muitas festas, farras, bebedeiras, confusão, escândalos e protestos. Diante da desordem instalada pelo governo de Luiz Galvez, o Coronel e Ministro da Justiça Pedro Paixão juntamente com alguns proprietários de seringais preparam o golpe de estado para tomar o governo. No dia da virada do século, os contrarrevolucionários invadem Porto Alonso, abatem os que opõem resistência, inclusive Joana, a freira, que é morta com oito tiros tentando defender o governo de Luiz Galvez. O protagonista é localizado dormindo entre várias garrafas de xerez e não oferece nenhuma resistência ao ataque, sendo preso, ridicularizado e deportado.

É possível, através do paralelo, identificar características bem distintas entre o Galvez histórico – homem articulador, diplomático, carismático, sério, comprometido com as causas do Acre –, e o Galvez fictício, uma figura oportunista, extremamente entregue aos vícios e prazeres mundanos, sem genuíno comprometimento com aquela causa, incapaz de pensar nas consequências de seus atos. A personalidade impressa pelo autor ao personagem fictício pode ser considerada um artefato utilizado para evidenciar o caráter social da obra através de uma visão de mundo ligeiramente diferente da apresentada pela história, mas sem perder de vista, por meio da representação da realidade via discurso literário, o modo como os jogos de poder são praticados.

2. Representação discursiva na ficção historiográfica

Segundo Renato Otero Júnior, o romance histórico é um dos subgêneros da prosa romanesca com fins específicos de refletir e articular ficcionalmente o discurso historiográfico por meio da literatura. Nesse subgênero apresentam-se duas tendências, sendo a primeira clássica, tradicional, que se vale do discurso oficial da história para ratificá-lo na sua

composição e escrita romanesca. A segunda, contrariamente, faz uma releitura crítica do discurso oficial da história tido como verdadeiro, com o intuito de questionar essas verdades teoricamente incontestáveis (OTERO JÚNIOR, 2006, p. 67).

Márcio de Souza, em seu romance *Galvez o Imperador do Acre*, segue a segunda tendência, tematizando o passado histórico, submetendo os fatos a versões não fidedignas àquelas apregoadas pela historiografia oficial, registrada como expressão da verdade. Vale ressaltar, historiografia essa bem restrita, pois livros de história relatando a conquista do Acre por Luiz Galvez são raros.

No romance são várias as razões que conduzem a uma abordagem de representação literária da realidade histórica. Márcio de Souza parodia e parafraseia vários discursos oficiais como atas, memorandos, pareceres e decretos. É o que se vê no capítulo “Ata”, em que há um processo de paráfrase de uma ata. Márcio de Souza escreve o capítulo com foco na cerimônia de uma reunião e seu registro oficial. Dessa maneira, há um simulacro de documentação histórica, em que a escrita tende a gerar no leitor a sensação de se tratar de algo verídico.

Comitê de Defesa do Acre.

Reunidos no ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e noventa e oito, às vinte e duas horas e dez minutos no local denominado Usina Velha, na Estrada do Val-de-Cães, o nosso presidente Dr. João Lúcio de Azevedo deu como aberta a sessão, apresentando o convidado especial, o Dr. Luiz Galvez Rodrigues de Aria. Pedindo a palavra falou a companheira Sra. Cira Chermont: “A causa que defendemos não pede barreira de nacionalidade. Pede apenas a solidariedade. Lutamos contra a ameaça que pesa sobre o povo do Acre, uma região esquecida e miserável e que se tornou alvo da cobiça internacional”. Pediu um aparte o companheiro Alberto Leite: “Lutamos contra a criação de uma corporação internacional que poderá dominar o Acre”. [...] A companheira Cira Chermont prosseguiu: “A nossa melhor borracha vem do Acre. Até a metade desse século ninguém discutia a nacionalidade do Acre. Só os índios lá viviam e o Acre era evitado até pelos exploradores mais corajosos. Diziam que por lá havia febre. Os cearenses não tiveram medo da febre e entraram na região. Empurraram a fronteira com a própria miséria [...]” (SOUZA, s/d, p. 45-46).

Essas produções recentes, tidas como pós-modernas (OTERO JÚNIOR, 2010, p. 87), não usam a história somente como pano de fundo. Ao contrário, o romance serve como uma forma de analisar e expressar o modo de vida dos indivíduos, suas relações, seus costumes, linguagem, ideais, cultura, religião e também para fazer uma crítica do passado narrado pelo discurso histórico oficial, através do discurso literário, principalmente por meio de paródia e ironia. No romance, após a narração desse trecho da ata, o narrador interrompe-a para dar início a um capítulo intitulado “Máxima”, no qual expõe sua crítica referente à opinião da colega Cira sobre a miséria: “Certamente a miséria também é imperialista” (SOUZA, s/d, p. 46).

De caráter polifônico (BAKHTIN, 2010), o romance apresenta-se com a voz de dois narradores. Para Bakhtin, a independência de consciências e de múltiplas vozes na construção do romance é o que torna uma obra autenticamente polifônica. Galvez narra a maior parte da história, baseada em suas memórias, de forma textualmente fragmentada, típica dos romances brasileiros pós-64. A plenivalência da voz desse Galvez ficcional possui, nas palavras do teórico russo, excepcional independência na estrutura da obra, soando ao lado da palavra do autor (BAKHTIN, 2010).

Os capítulos têm uma extensão muito pequena, com teor subjetivo. O narrador-editor se faz presente atuando no decorrer da trama, interferindo irônica e satiricamente na narrativa de Galvez, interrompendo-o e corrigindo-o sempre que se faz necessário, pois, em determinadas passagens, Luiz Galvez falta com a verdade. Porém, essa interrupção tem o objetivo de desmascarar o pretense tom verídico do discurso histórico e do discurso da autobiografia, e imprimir um tom de carnavalização.

A carnavalização, segundo Bakhtin (1987), corresponde a uma transposição do sentido do carnaval para a linguagem da literatura, tendo como desdobramento a produção de uma inversão por meio da qual marginalizados ocupam o centro simbólico, criando um mundo às avessas, em que hierarquias são abolidas e leis suspensas, e na qual a seriedade sofre oposições. Serve de exemplo a passagem em que Galvez relata ter visto selvagens desembarcarem na praia trazendo religiosos de uma caravana e, após improvisar grelhas com árvores, construíram uma fogueira onde amarraram as vítimas em troncos e ofereceram a elas tacapes para que pudessem se defender. Mediante a recusa dos religiosos, os selvagens, através de golpes de mestre, fizeram saltar os miolos das freiras e do padre, despiram-nos, desmembraram-nos e colocaram-nos para assar sem nenhum tempero. Daí surge a interrupção pelo narrador-editor com o capítulo intitulado “Perdão, leitores”:

Mais uma vez sou obrigado a intervir na narrativa. Em 1898 já não havia índios nas margens do baixo amazonas. E desde o século XVIII não se tinha notícia de cenas de antropofagia na região. *Nenhum branco, pelo menos por via oral, havia sido comido no século XIX.* (SOUZA, s/d, p. 88. Grifos nossos).

Com o intuito de subverter e contestar os fatos históricos, Márcio de Souza insere em sua obra estratégias textuais através do plano ficcional pelo uso de paródias, carnavalização, consciente distorção da história mediante omissões, exageros ou anacronismo, a metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação e a intertextualidade. No fragmento “Nenhum branco, pelo menos por via oral, havia sido comido no século XIX.” É uma enunciação que faz uso de linguagem grosseira que sugere obscenidade com o intuito de provocar o riso.

No capítulo “Jules Verne” ele faz uso da intertextualidade mencionando o autor do livro *A Volta ao Mundo em 80 dias*, Júlio Verne, e o personagem protagonista da obra, Phileas Fogg.

Eu estava com os fundilhos molhados de água e vi que a condição de aventureiro é quase sempre desconfortável. O aventureiro vive como se estivesse em fim de carreira. Não existe marasmo e os contratemplos estão sempre escamoteados das histórias de aventura. Pois digo aos leitores que ninguém passa mais baixo que o aventureiro. Quem me dera se eu fosse um Phileas Fogg na calda do rio Amazonas fazendo a volta ao mundo em oitenta seringueiras (SOUZA, s/d, p. 86).

Na obra *Relações de força: história, retórica, prova*, Carlo Ginzburg explicita que

A historiografia, assim como a retórica, se propõe unicamente a convencer; o seu fim é a eficácia, não a verdade; de forma não diversa de um romance, uma obra historiográfica constrói um mundo textual autônomo que não tem nenhuma relação demonstrável com a realidade extratextual à qual se refere e textos historiográficos e textos de ficção são auto-referenciais tendo em vista que são unidos por uma dimensão retórica (GINZBURG, 2002, p. 48).

Hayden White, por sua vez, em *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*, defende que as narrativas históricas precisam lançar mão de artefatos da literatura para se tornarem mais acessíveis ao público atual. Para White, as narrativas históricas são manifestamente “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (WHITE, 1994, p. 98).

O emprego do recurso da polifonia, em que os dois narradores têm voz autônoma e chegam a divergir entre si, reforça a ideia de que a história pretensamente oficial é apenas uma das possíveis perspectivas de abordagem de fatos que carecem de imaginação para serem enunciados. Depreende-se que, se a literatura produzida sobre fatos históricos não deve ser confundida com a verdade, a história oficial, para se fazer e convencer, como dizem Ginzburg e White, precisa empregar artefatos da literatura, e cabe ao leitor refletir, duvidar e questionar o conteúdo desse tipo de narrativa.

Por essa ótica, história e literatura, cada uma a seu modo, se constituem em formas de representar o mundo. Se a história tem como meta expressar alguma verdade, isso somente ganha sentido para o leitor pela capacidade imaginativa e discursiva do autor. A literatura, por sua vez, ao invés de tentar dizer como é o mundo, procura dizer como o mundo pode ser ou, como afirmou Aristóteles (1989), vir a ser. Nos casos em que faz referências à história tida como a oficial, contudo, não deve ser confundida com um “pode ter sido”, mas representar discursivamente a narrativa historiográfica, oferecendo ao leitor mais elementos para olhar criticamente para outros textos impostos como “a” verdade.

Considerações finais

O estudo da obra de Márcio de Souza e o estudo da biografia de Luiz Galvez Rodrigues de Aria possibilitam perceber que o Galvez fictício não corresponde aos valores ideológicos, atitudes e virtudes do Galvez histórico. Márcio de Souza se utiliza da história para mostrar seus fatos através de um discurso irreverente. Provavelmente, muitos leitores não conhecem os fatos históricos do Acre e se apoderam desse conhecimento através da obra de Márcio de Sousa, ou a partir dela têm a oportunidade de iniciar a formação de alguma ideia sobre o discurso histórico oficial. Pode-se arriscar, contudo, que o autor não produziu em seu romance uma crítica ao discurso da historiografia, mas ao discurso oficial da classe dirigente, se estendendo mesmo às lacunas morais.

Voltando a discussão para a prática de ensino de literatura, uma possibilidade estratégica que deve ser levada em consideração pelo professor é apresentar textos da historiografia oficial e da obra literária em questão, dando ao aluno condições de formar uma rede intertextual. Tal medida pode colaborar na formação de uma visão crítica por parte dos alunos, especialmente quando a obra literária não se constitui numa reafirmação acrítica da história. Ensinar história com literatura pode levar o aluno a produzir um conhecimento histórico que se passa por conhecimento científico ou historiográfico. Percebe-se que através da literatura é possível aprender sobre a vida de forma lúdica e atrativa, mas com uma visão diferente da história oficial.

A história, mesmo se apoderando de artefatos literários para tornar a leitura mais interessante, viável às novas gerações, tem suas características próprias, parte de métodos indiciários para elaboração da narrativa. Para se estudar história, por conseguinte, deve-se trabalhar com material da própria história. As obras literárias, por seu turno, mesmo quando concebidas ou inspiradas na história, devem ser lidas como literatura, pois têm em sua estrutura textual elementos discursivos que as tornam plurissignificativas. Na escola, podem dar aos alunos condições de gerar conhecimento sobre o mundo de forma ampla e crítica.

Referências

ARISTÓTELES. Da arte poética. *In: Crítica e teoria literária na antiguidade: Aristóteles, Horácio, Longinus*. Trad. David Jardim Júnior. Coleção Universidade de Bolso. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

BATKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BASTOS, Maíra. Galvez imperador do Acre: a representação do duplo o diálogo entre História e Literatura. In: Seminário de Literatura, História e Memória, 8. Simpósio de Pesquisa em Letras da Unioeste, 2: Cascavel, PR. *ANAIS do VIII Seminario Nacional de literatura, História e Memória: literatura e cultura na América Latina e II simpósio de Pesquisa em letras da Unioeste*. / Coordenação de Lourdes kaminsk Alves e Acir Dias da Silva; Comissão organizadora de Beatriz Helena Dal’Molin [et al.]; Comissão científica de Benjamim Abdala Junior [et al.] – Cascavel, PR, 21 a 23 de outubro de 2008. ISBN 978-85-7644-104-5. 200p. Disponível em:

<http://cacphp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Seminario/seminario_perspectivas_4.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2010.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor. In BUZEN, Clécio e MENDONÇA, Márcia (orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial. 2006. p. 83-102.

MORAIS-VINNA, Vinicius. *Luis Gálvez Rodríguez de Arias – o injustiçado*. Publicado em 14. Jul. 2008. Disponível em: <<http://moraivinna.blogspot.com.br/2008/07/luis-glvez-rodriguez-de-arias-o.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

NEVES, Marcos Vinicius, *A republica do Acre e Galvez*. Disponível em: <<http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

OTERO, Renato da Silva Júnior. *Galvez Imperador do Acre: O Discurso do Romance e a Ficcionalização da História*. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: História da Literatura). Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. Rio Grande do Sul. Disponível em:

<<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2652/renatootero.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SOUZA, Márcio Gonçalves Bentes de. *Galvez imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s/d.

VIANA, Jorge. *Luiz Galvez Rodríguez de Arias*. Luiz Galvez Rodríguez de Arias. Disponível em:
<http://www.jorgeviana.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=98&Itemid=37>. Acesso em 20 fev. 2016.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

Recebido em: 09.10.2015
Aceito para publicação em: 07.12.2015